

Jetro acha possível Constituição adaptada

ESTADO DE SÃO PAULO

ADILSON PARRELLA
Especial para O Estado

Os empresários estrangeiros, que não conhecem o Brasil, têm a impressão de que as votações que estão sendo realizadas na Constituinte são definitivas. Mas, segundo Mamoru Fukuoka, presidente da Jetro — organização oficial do governo japonês —, ainda haverá uma releitura da Carta Magna e adaptações certamente serão realizadas para mudar a maneira de o governo brasileiro encarar a entrada de capital estrangeiro no País.

A Constituição não é um documento absoluto e imutável, considera Fukuoka, e os investidores estrangeiros que conhecem o País sabem que são comuns emendas para possibilitar investimentos de interesse nacional. "O passado mostrou isso, que mesmo havendo uma legislação contrária à entrada de investimento externo, quando os interesses se voltam para uma determinada área, ocorrem emendas ou exceções."

O presidente da Jetro disse que os possíveis investidores devem conhecer esse tipo de diferença cultural, porque se coisas como estas não forem esclarecidas, futuras relações econômicas poderão ser afetadas. Comentando o investimento de empresas privadas no Brasil, Fukuoka observou que, se novos investidores forem analisar os negócios japoneses no País na década de 70, poderão obter a impressão errônea de que essas empresas perderam dinheiro, principalmente quando se considera a grande valorização da moeda japonesa.

Acrescentou que ao se instalarem no Brasil, naquele período, obtiveram lucros que estão sendo reinvestidos. "Se empresários no Japão calcularem em lenes os investimentos já feitos, verificarão que houve uma diminuição no seu valor real, mas se considerarem o desenvolvimento das empresas no País, verificarão que a maioria delas aumentou suas instalações, número de funcionários e produtividade. Portanto, a empresa cresceu", disse Fukuoka, esclarecendo que correto é considerar o crescimento da empresa no país onde ela estiver instalada.

Mamoru Fukuoka revelou que muitos empresários japoneses associam as empresas aqui instaladas à imagem do próprio País, ou seja, totalmente endividadas. "As empresas estrangeiras em geral estão indo muito bem e só o Brasil está em uma situação delicada." Para ele, o fato de o Japão não investir em projetos de grande porte deve-se à inexistência deles. Além disso, investimentos a curto prazo se tornaram difíceis devido à valorização do iene e desvalorização do cruzado em relação ao dólar. Comentou que os investidores japoneses estão esperando a estabilização da economia para que as empresas brasileiras voltem a ter lucro: "Só assim haverá uma grande expansão de investimentos a curto prazo".

Os japoneses, disse o presidente da Jetro, estariam interessados na área de informática e na transferência de tecnologias mais avançadas, o que não tem sido possível pelas barreiras da reserva de mercado. "Um grande problema na instalação de novas empresas é que boa produtividade, alta qualidade e competitividade no Exterior estão diretamente ligadas à aquisição de equipamentos computadorizados, inclusive robôs industriais, os quais constam da lista de restrições."

Com respeito ao convite feito na última semana pelo superintendente da Suframa a cerca de 200 empresários japoneses, para investirem na Zona Franca de Manaus, Fukuoka comentou que a transferência de indústrias para aquela área se tornaria excessivamente dispendiosa. De qualquer forma, ele vê no Brasil investimentos viáveis nas áreas da agroindústria e no desenvolvimento turístico, especificamente nos setores de hotelaria, restaurantes e transporte rodoviário, para dar atendimento diferenciado ao turista japonês.

Apesar da instabilidade da economia brasileira, afirmou Fukuoka, o investidor japonês considera o País sólido e independente. Ele apontou, no entanto, alguns pontos que precisam ser revistos para deslanchar a economia: "O Brasil necessita de uma reforma agrária, maior ênfase à educação e uma redução substancial dos gastos públicos, com a privatização do setor público".